

Para Fiesp, câmbio atual desorganiza economia

Pessimista com o cenário do País, Conselho da entidade alerta para riscos da falta de crédito para empresas

ISABEL DIAS DE AGUIAR

Uma taxa de câmbio de R\$ 2,00, nas atuais condições, já é suficiente para desorganizar a economia, segundo conclusão do Conselho Superior Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Não há condição de sobrevivência das empresas, uma vez que os preços relativos se desequilibraram, o que dificulta os negócios. Também a falta de crédito para o financiamento da produção, da comercialização das mercadorias e das exportações, hoje quase inexistente e extremamente caro, deverá dificultar o dia-a-dia das empresas, acreditam os integrantes daquele conselho, composto por economistas e representantes dos principais setores da atividade econômica.

O prognóstico pessimista foi feito ontem pela manhã, durante a primeira reunião do ano do conselho da Fiesp. Os empresários e economistas também criticaram a forma como foi realizada a mudança no regime cambial. Para eles, a desvalorização do câmbio era inevitável, mas era preciso uma preparação para esse processo de transição. Além disso, era preciso que o Banco Central fosse melhor aparelhado para administrar o novo regime cambial.

O salto dado pelo câmbio, o chamado overshooting, foi considerado uma reação natural do mercado, após período prolongado de manutenção da situação artificial, cujos efeitos foram a perda de competitividade do produto brasileiro e o estímulo às importações. A preocupação dos integrantes do conselho da Fiesp é em relação às providências que serão tomadas com objetivo de oferecer condições de sobrevivên-



Boris Tabacof, da Fiesp: "Não há mágica em questões de câmbio"

**PAÍS TEM DE
OBTER
SUPERÁVITS
COMERCIAIS**

cia às empresas nesse período de transição. O efeito positivo da mudança da política cambial será a solução de uma série de problemas que, na opinião dos conselheiros da Fiesp, se vivem tornando crônicos, como a manutenção de taxas elevadas de juros e o desequilíbrio das contas públicas.

A saída para essa crise, acreditam, será a aceleração das exportações para a produção de superávits comerciais. Isso, na opinião dos conselheiros, só será possível a médio prazo, uma vez que, segundo informaram, o câmbio de boa parte das vendas externas já foi fechado e não deve contribuir para arrefecer as contações do dó-

lar no médio prazo. Segundo informação de alguns integrantes do conselho da Fiesp boa parte da safra agrícola já foi negociada, o que significa que a colheita e os embarques dos produtos não deverão desafogar o mercado de câmbio. Os efeitos positivos da desvalorização do real só deverão ser observados na balança comercial no médio prazo.

Os conselheiros da Fiesp demonstraram preocupação em relação à hipótese de o governo alterar a Lei Kandir. Os empresários temem que o governo venha a ceder à pressão dos governadores e altere o dispositivo que estimula as exportações e garante renda compatível aos produtores

SAFRA
AGRÍCOLA JÁ
FOI NEGOCIADA
E NÃO AJUDARÁ

agrícolas.

A mudança do cenário desfavorável depende da intervenção das autoridades monetárias, afirmou o presidente do conselho, Boris Tabacof. "Não há mágica em questão de câmbio", afirmou. O retorno da oferta de dólares no mercado depende da volta da credibilidade e do interesse dos investidores externos pelo Brasil.

Essa seria a forma mais rápida de a taxa câmbio voltar a um nível considerado adequado para as intermediações comerciais, acredita Tabacof. Mas o governo poderá adotar medidas pontuais para tentar administrar o mercado de câmbio. As autoridades também deveriam fazer um esforço para convencer os bancos privados internacionais a oferecer créditos às empresas brasileiras e com isso, facilitar as exportações.

Preocupação - Outro tema de discussão do conselho da Fiesp foi o nível das taxas de juros considerada ideal. Para os empresários e economistas, tudo depende da velocidade da inflação.

Eles tomaram como base a experiência de outros países que liberaram o câmbio e levaram até um ano para chegar ao equilíbrio. Segundo afirmaram, a taxa de juros deve manter margem em relação a alta dos preços, uma vez que é preciso estimular a captação, por parte das instituições financeiras.

Outro motivo de preocupação, é o elevado nível de inadimplência na economia, que poderá agravar-se caso o crédito não chegue até as empresas. Tabacof disse que os conselheiros da Fiesp não acreditam na realimentação da inflação. A maioria acredita que a desindexação da economia deverá garantir uma parada nos reajustes dos preços,

após um processo de realinhamento. Segundo o presidente do conselho, a população adquiriu a capacidade de memorizar os preços e de resistir aos reajustes, de forma indefinida.